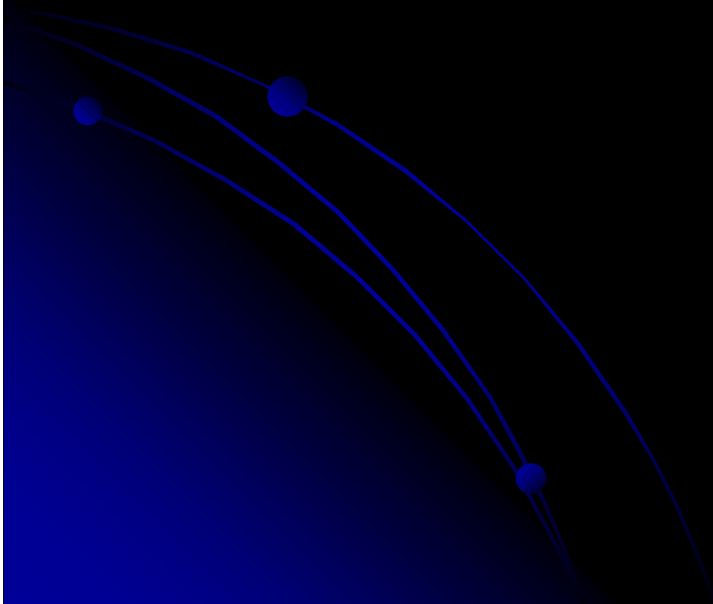


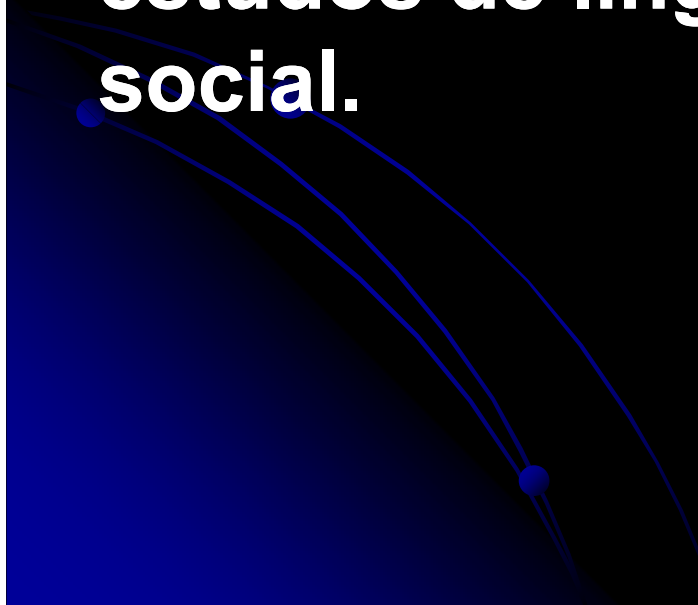
**Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa:
a oralidade em sala de aula
(Juliana Carvalho)**

A Linguística Aplicada (LA) nasceu há mais ou menos 60 anos, como uma disciplina voltada para o ensino de línguas estrangeiras. O primeiro curso de LA ocorreu na Universidade de Michigan, em 1946, ministrado por Charles Fries e Robert Lado. Na época, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, a LA representava uma abordagem científica do ensino de línguas estrangeiras.

A LA tem como objeto de estudo a linguagem como prática social – atualmente não só em relação às línguas estrangeiras, mas também no contexto de aprendizagem da língua materna ou em outros contextos em que se aborde o uso da linguagem.



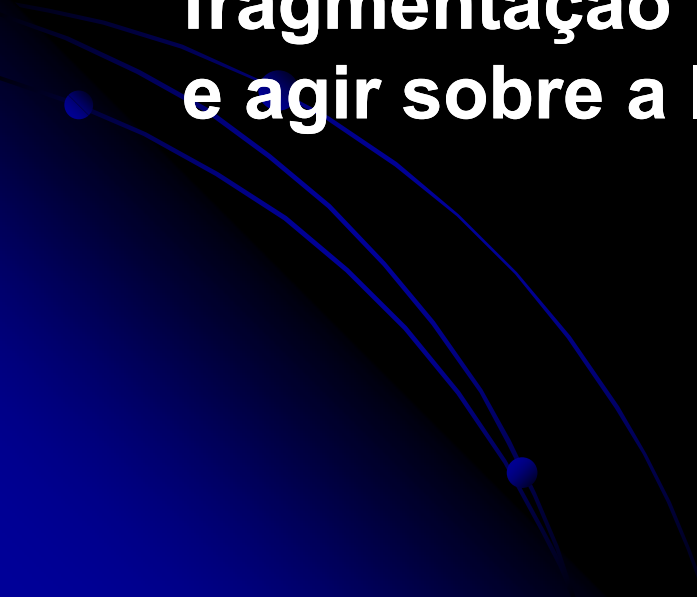
Atualmente podemos destacar três direções para a LA: ensino e aprendizagem, aplicação de linguagem e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social.



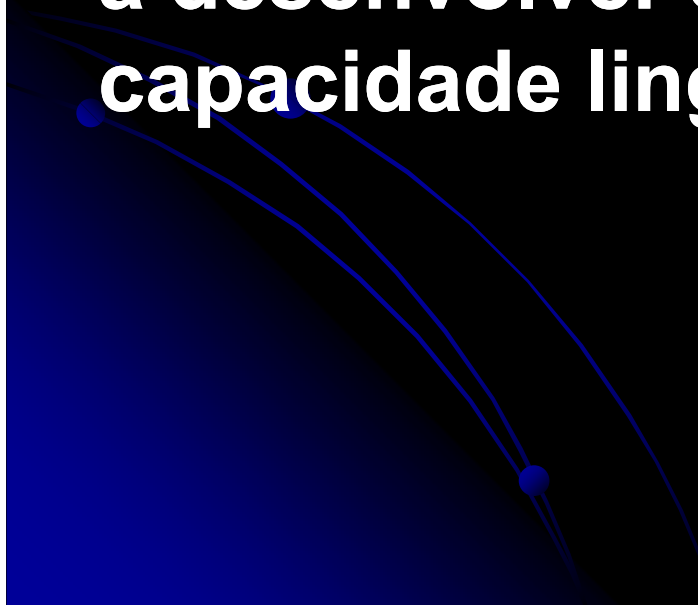
A Linguística é uma disciplina que pode englobar várias matérias, podendo ser usada para dar-lhes substância intelectual. Essas matérias, por sua vez, podem ser entendidas como componentes de outras disciplinas que não a Linguística. A LA é entendida como a utilização de conteúdos linguísticos para aprimorar a prática nas disciplinas que usam a linguagem.

A Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa

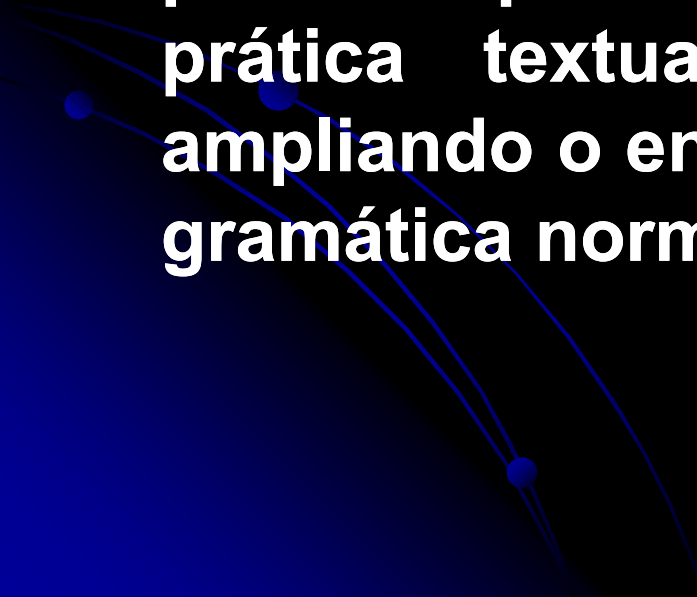
A escola deve incentivar o aluno a atingir seu desenvolvimento linguístico; no entanto, ela divide o ensino em leitura e compreensão, história da literatura, gramática e produção textual. A fragmentação não permite aos alunos refletir e agir sobre a linguagem.



O que eles fazem inicialmente é decodificar e, posteriormente, analisar a língua, atividades realizadas em momentos distintos que não os levam a desenvolver satisfatoriamente a capacidade linguística.

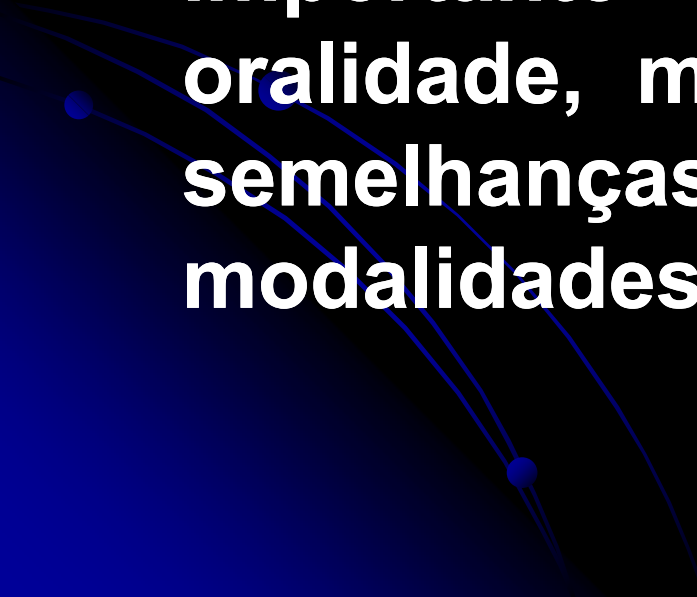


Os estudos gramaticais precisam ser desenvolvidos de forma a ampliar a capacidade comunicativa do aluno. O professor deve partir da produção e recepção de textos de diferentes variedades linguísticas, utilizando o contexto em sua aplicação. Neste caso, é possível perceber a gramática como uma prática textual, discursiva e de uso, ampliando o ensino de língua para além da gramática normativa.



O trabalho com a oralidade na sala de aula

Muitos alunos demonstram dificuldade para escrever e reproduzem a língua oral nas tarefas de produção de textos. Eles escrevem como falam. É importante que a escola trabalhe a oralidade, mostrando as diferenças e semelhanças entre estas duas modalidades linguísticas, fala e escrita.



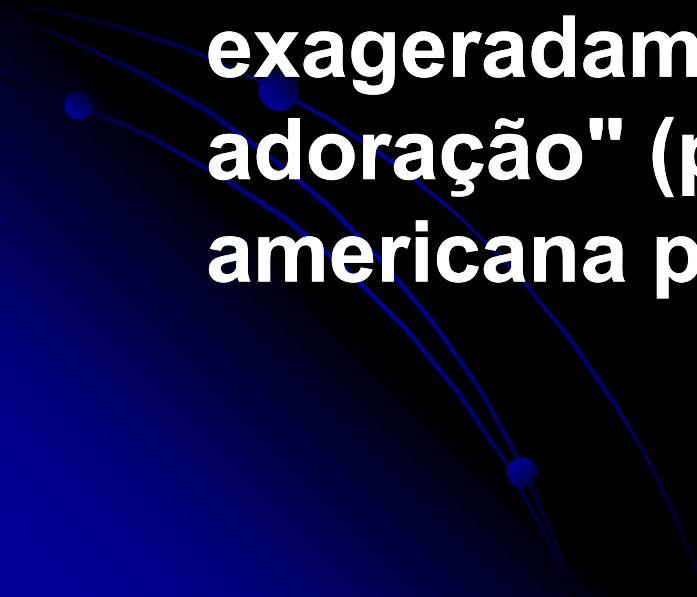
O professor deve reforçar com os alunos a noção de que a interação da fala se dá pessoalmente, face a face, e a da escrita não. Por isso, a fala não é previamente planejada e a escrita, sim. A escrita pode ser revisada, mas a fala não admite recriação; ao escrever podem ser feitas consultas, e ao falar não. A fala demonstra seu processo de criação; a escrita mostra o resultado.

Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna e da Língua Inglesa

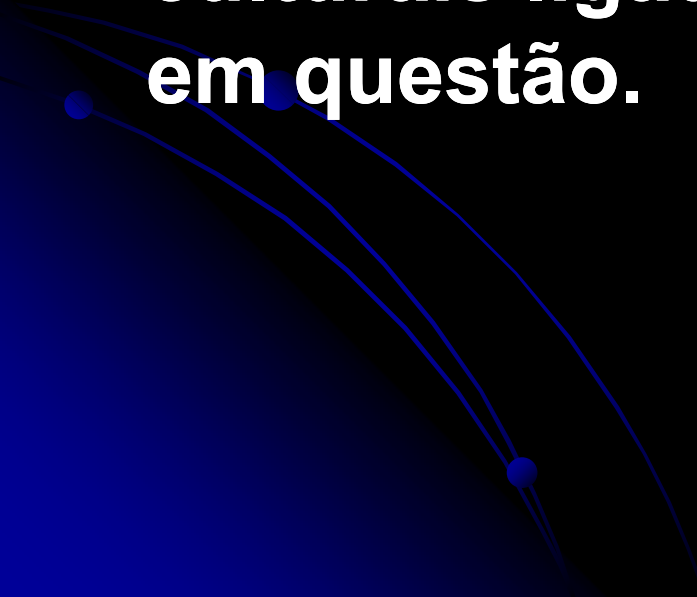
Luiz Paulo da Moita Lopes, professor e pesquisador, conhecido nas universidades brasileiras não somente pelos trabalhos que desenvolve, mas também pelo seu constante engajamento com questões políticas relacionadas à Linguística Aplicada, nas quais são discutidos o ensino de língua inglesa nas escolas brasileiras, as pesquisas sobre a sala de aula e na sala de aula e a formação do professor.

Nos livros e artigos publicados são levantadas questões polêmicas tais como as diferentes atitudes de alunos e professores e as ideologias preconceituosas, como "a falta de aptidão" e "o déficit linguístico" interferindo no processo de aprendizagem de línguas.

O autor enfatiza a alienação no ensino do inglês no Brasil, mais especificamente, no que se refere às atitudes de alguns professores e alunos de inglês (no Brasil) em relação às culturas de língua inglesa. "Observa-se uma atitude exageradamente positiva e de quase adoração" (p.37) pela cultura americana principalmente.



Os resultados de sua pesquisa levam à conscientização de que deve existir uma certa preocupação, por parte dos professores, em ensinar aspectos culturais ligados à língua estrangeira em questão.



Quebrar falsos mitos e ideologias preconceituosas sobre o processo ensino-aprendizagem de línguas, criados ao longo de décadas, não é tarefa fácil, o que não significa dizer que seja impossível, diz Moita Lopes em *“Eles não aprendem Português quanto mais Inglês.”*

Ao se falar em ensino de línguas, fala-se sobre o ensino de qualquer língua, incluindo a língua materna. Assim, o que o autor propõe deveria ser também aplicado ao contexto de ensino de Língua Materna (LM). Por que não voltar o foco das pesquisas sobre o ensino de LM também para as classes subalternas ? Por que não discutir também os falsos mitos sobre o processo ensino/aprendizagem de LM ?

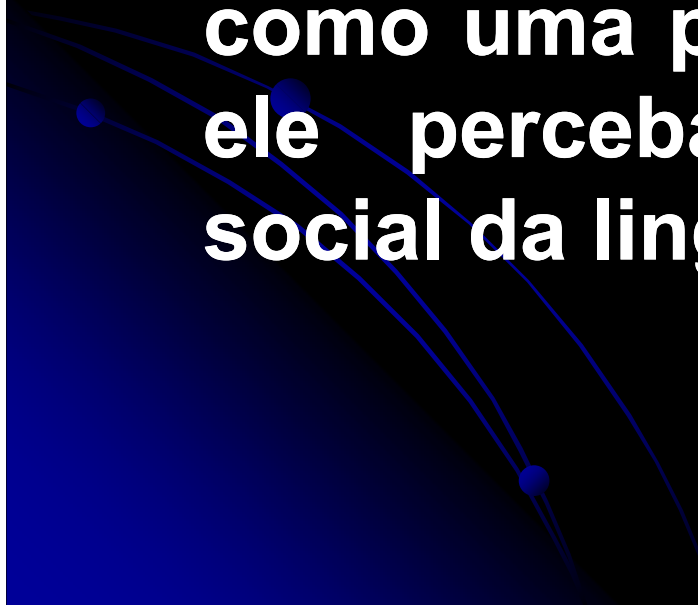
A LÍNGUA DO APRENDIZ

Mais uma vez, o autor mostra que os conceitos (e/ou preconceitos) que permeiam as atitudes de professores e de alunos de LE são importantes, e muitas vezes determinantes, pois interferem no processo e podem afetá-lo de forma positiva, levando ao êxito, ou de forma negativa, levando a um fracasso muitas vezes irreversível.

O autor defende uma abordagem de ensino de língua estrangeira com ênfase na leitura, e mostra por que a leitura é a habilidade em LE que parece se justificar socialmente no Brasil e que parece atender às necessidades reais dos alunos brasileiros, especialmente se levarmos em conta o contexto das escolas públicas brasileiras.

Um modelo interacional de leitura, argumentando acerca da relevância pedagógica desse modelo. O modelo interacional proposto fundamenta-se em teorias de esquema e em uma visão de discurso entendido como "o processo comunicativo entre leitor e escritor na negociação de significado do texto" (p.138).

A contribuição deste estudo é justamente, conscientizar os professores de LE sobre a importância de se fazer um trabalho de desenvolvimento de consciência (e de postura) crítica junto ao aluno, de forma que ele perceba a leitura como uma prática social, e para que ele perceba também a natureza social da linguagem.



A linguagem como um instrumento que reflete relações de poder na sociedade. Essa consciência por parte do leitor é fundamental, nas relações escritor/leitor, para que o último não se deixe manipular pelos textos (discursos escritos) a que tem acesso, e para que possa reagir de forma crítica nesse processo.

O autor propõe uma *formação teórico-crítica para o professor de línguas*, e questiona o que chamou de formação dogmática que geralmente permeia os cursos de formação de professores de línguas no Brasil.

O texto que segue é uma
reprodução da língua falada

**Tava tendo um jogo na quadra
Daí veio dois homens de moto
E chegou um carro e bateu na moto
Os cara da moto caiu e se machucou
Daí levaram os cara pro hospital**

Imagine um camelô conversando com seu cliente e tentando vender seu produto

O amigo, me diga uma coisa: tu já viu coisa igual na vida? É canivete, descascador, boleador, cortador de unha, abridor de garrafa, lixa, palito de dentes, caneta, alicate, chave de fenda... É dois mil e uma utilidade! E mais uma coisa, só entre eu e você, e o preço? É uma pechincha! Nenhum cliente reclamou até hoje, é coisa garantida!

Observe a letra da música *Inútil*, do conjunto
Ultraje a rigor (Roger Moreira)

**A gente não sabemos escolher
presidente**

**A gente não sabemos tomar conta da
gente**

**A gente não sabemos nem escovar os
dente**

**Tem gringo pensando que nós é
indigente**

Inútil

A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar

**A gente faz trilho e não tem trem pra
botar**

A gente faz filho e não consegue criar

**A gente pede grana e não consegue
pagar**

A gente faz música e não consegue gravar

A gente escreve livro e não consegue publicar

A gente escreve peça e não consegue encenar

A gente joga bola e não consegue ganhar